

## **A origem do rodeio no Brasil sua prática como esporte radical e o bem-estar dos animais de montaria**

**Matheus Hernandes Leira<sup>1</sup>, Lucas Silva Reghim<sup>3</sup>, Larissa Carolina Peregrino<sup>2</sup>, Cláudia Natsuki Honda<sup>2</sup>, José Ivan Cruz Félix<sup>2</sup>, Flaviane Silva<sup>2</sup>, Fernanda Duarte Coimbra de Almeida<sup>2</sup>, Luciane Tavares Cunha<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Professor e Pesquisador do curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG;

<sup>2</sup>Discente do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG.

<sup>3</sup>Discente do Curso de Medicina Veterinária - Iniciação Científica, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG  
Autor para correspondência, E-mail: [matheus.hernandes@unis.edu.br](mailto:matheus.hernandes@unis.edu.br)

**RESUMO.** O objetivo deste trabalho é entender e compreender a qualidade de vida dos animais que praticam esportes, e vivenciar o dia a dia desses animais e a sua realidade em relação a qualidade de vida e o bem-estar animal. Para isso foi abordado o bem-estar dos animais na prática esportiva, desmistificar alguns conceitos do rodeio e mostrar os benefícios e a história do rodeio, nesse contexto, foi abordado às definições do esporte, o condicionamento físico dos animais juntamente com os tipos de tratamento e treinamento, os benefícios e os malefícios desse esporte radical, por todos esses aspectos, quando o rodeio é realizado de forma fiscalizada, os animais tendem a não sofrerem maus tratos, além de serem considerados atletas e trabalharem por noite apenas 8 segundos e terem um tratamento diferenciado dos demais animais de produção.

**Palavras chave:** touros, cavalos, festa do peão, bem-estar animal

### ***The origin of the rodeo in Brazil: its practice as radical sport and welfare of animal riding***

**ABSTRACT.** The objective of this work is to understand and understand the quality of life of animals that practice sports, and to experience the daily lives of these animals and their reality in relation to quality of life and animal welfare. In order to do this, the welfare of the animals was approached in sports practice, demystify some concepts of the rodeo and show the benefits and history of the rodeo, in this context, the definitions of the sport, the physical conditioning of the animals along with the types of treatment and training, the benefits and the harms of this radical sport were discussed, for all these aspects, when the rodeo is carried out in an inspected way, the animals tend not to suffer mistreatment, besides being considered athletes and to work by night only 8 seconds and to have a differential treatment of the other animals of production.

**Keywords:** Bulls, horses, cow boi feast, animal welfare

### ***El origen del rodeo en Brasil su práctica como deporte radical y bienestar de los animales de montura***

**RESUMEN.** El objetivo de esta revisión fue entender y comprender la calidad de vida de los animales que practican deportes, y vivenciar el día a día de estos animales y su realidad en relación a la calidad de vida y bienestar. Para esto se abordó el tema de bienestar de los animales en el deporte, desmitificar algunos conceptos del rodeo y mostrar los beneficios

y la historia del rodeo, en este contexto, fue abordado el ambiente deportivo, el estado físico de los animales, junto con los tipos de tratamiento y entrenamiento, los riesgos y beneficios de este deporte extremo, por todos estos aspectos, cuando el rodeo se realiza de manera supervisada, los animales tienden a no sufrir malos tratos, además de ser considerados atletas, trabajar apenas 8 segundos por noche y tener un tratamiento diferenciado en comparación a los otros animales de producción.

**Palabras clave:** toros, caballos, fiesta del vaquero, bienestar animal

## Introdução

Nesta revisão, vamos abordar o rodeio tido como esporte radical com regras e modalidades bem definidas e praticados em outros países como Estados Unidos da América, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, México e que aqui no Brasil são mais promovidos e praticados nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná, entre outros estados. Não é de hoje que se dá a parceria homem e animal na prática de esportes, na Grécia antiga existiam a corrida de carros ou bigas que eram puxados por cavalos. Este tipo de esporte integrava as várias disputas entre gregos e romanos pelos tempos, onde as corridas de cavalos com ou sem ‘carros’ se caracterizavam como parte da XXV Olimpíada, em 692 a.C., e foram as mais importantes dos jogos clássicos” (Serra, 2000). Além da montaria, o rodeio como uma manifestação cultural típica do interior paulista e espalhando para o resto do Brasil, carrega traços dessa cultura com a verdadeira música caipira de viola, a dança da catira e a queima do alho. O rodeio também tem seus personagens que trabalham para que a festa aconteça e alguns deles são: peões, cavalos e bois, locutores, comentaristas, salva vidas, rainhas, comitivas etc. A montaria de rodeio é um esporte radical e crescente no Brasil, as regras das modalidades, no entanto, soam confusas para o público em geral, principalmente no que diz respeito à nota e forma de aplicação (Dourado, 2003).

O primeiro critério fundamental de julgamento é o tempo, diferentemente do que parece, o objetivo do competidor é ficar apenas oito segundos sobre o animal, e não o máximo possível, com o tempo alcançado, dispara-se um alerta (buzina ou campainha) para que o peão abandone a montaria.

Se o juiz entender que o competidor demorou a descer da montaria, o competidor pode ser desclassificado. Outros quesitos também eliminam o peão, por exemplo: demorar a sair do brete; bater a mão de equilíbrio no touro, no próprio corpo ou na cerca; prender a espora na

corda da montaria; e usar qualquer equipamento ou objeto que coloque em risco a integridade física do animal.

A montaria em touros e cavalos é uma modalidade que pode ser caracterizada por uma demanda elevada da capacidade de força isométrica dos membros superiores, devido à forma de execução da montaria. (Johnson and Nelson, 1986, Bertuzzi et al., 2005).

Para Bergamaschi et al. (2006) a força de preensão manual é de grande valor nas montarias, pois a grande diferença entre o tamanho e peso do animal comparativamente com o atleta, expõe praticante uma grande exigência de esforço de membros superiores, assim como equilíbrio, agilidade e coragem.

Nesse contexto, o objetivo é entender e compreender os mitos e as verdades a respeito desse esporte radical e verificar, também, as possíveis vantagens e desvantagens no tratamento e treinamento dos animais, pois assim é possível identificar o bem-estar animal dessa competição eliminando as possíveis dúvidas que existe sobre o assunto.

## História do rodeio

A prática do rodeio originou-se na Espanha e foi adotada pelos mexicanos no final da guerra contra os norte-americanos no século XIX e logo se adaptou à América colonial inglesa. O rodeio chegou ao Brasil na década de 50, importado dos Estados Unidos e aqui sofreu grande influência da vaquejada nacional, assumindo uma postura associada à disputa artística. No ano de 1956, inicia a grande festa do peão de boiadeiro de Barretos (Serra et al., 2003).

As entidades de rodeio norte americanas foram evoluindo cada vez mais e em 1975 foi criada a Professional Rodeo Cowboy Association (PRCA), em Colorado Spring, e é até hoje considerada a maior associação de rodeio do mundo e já em sua criação nasceu tendo abrangência em 43 (quarenta e três) estados dos Estados Unidos, além de rodeios no Canadá, Austrália e na Nova Zelândia.

No Brasil temos outras associações como a Professional Bull Riders (PBR) que é a associação de profissionais de rodeio em touros a coqueluche do momento por ser considerada a modalidade mais radical e mais vista e procurada no rodeio. No Brasil tivemos, e ainda temos, algumas importantes associações de rodeios e são elas:

CNAR – Confederação Nacional de Rodeio, fundada em 2001 é a entidade que representa o rodeio nacional junto ao Ministério do Esporte e ao Governo Federal;

COWBOYS FOREVER – Administra no Brasil o Rodeio Universitário;

FNRC – Federação Nacional do Rodeio Completo criada em 1996, incentivava a implantação do rodeio completo no país com provas de montarias em touro e cavalo, as provas de laço e a dos três tambores – as duas últimas classificadas como provas funcionais e ainda organizava um circuito nacional de rodeios com várias etapas em vários estados do Brasil ([Serra, 2000](#)), mas infelizmente essa federação já foi extinta;

CBR – Confederação Brasileira de Rodeio – fundada em 1999;

PRÓ – TOURO – Associação dos proprietários de touros de rodeio;

CBRU – Confederação Brasileira do Rodeio Universitário, entidade cujo objetivo é dar um caráter de esporte amador ao circuito universitário;

O rodeio nada mais é do que um esporte envolvendo homem e animais e desde a antiguidade existe esta relação esportiva envolvendo homens e animais. O rodeio devido a esta característica é tido como “esporte tradicional”, ou seja, aqueles que já existiam ou se originaram de atividades físicas, antes da generalização do sistema moderno de esporte internacionalmente organizado ([Serra, 2000](#)).

No passado era muito comum, no interior do Brasil, a presença de circos de touradas e cantores de modas de viola, como Liu e Leu, Zico e Zeca, Tião Carreiro e Pardino, Tônico e Tinoco, Sulino e Marrueiro entre outros e meu avô, José Hernandez, chegou a participar e acompanhar esses circos e depois já na década de 60 passou a competir em rodeios como o de Barretos, onde na época e até as décadas de 1980 só existia a modalidade de rodeios em cavalos.

O Brasil herdou várias modalidades de rodeio dos Estados Unidos, inclusive a modalidade mais

radical que é a montaria em touros Bull Riding e assim passamos a fazer em alguns eventos o que é considerado rodeio completo. Esse tipo de evento em nosso país era tido inicialmente apenas como uma atividade meramente cultural e folclórica do que esportiva, mas hoje já tem uma identificação maior como esporte radical, principalmente depois da instituição de regras e padronização em nível internacional ([Serra, 2006](#)).

O rodeio no Brasil nasceu naturalmente e é uma cultura nossa e existem modalidades tidas como autenticamente brasileira como o cutiano que é uma montaria em cavalos, ou mesmo as provas realizadas no Rio Grande do Sul ou as vaquejadas do Nordeste.

No sudeste e centro-oeste o rodeio sofreu a influência norte-americana para poder unificar as regras e se tornar de fato um esporte trazendo ainda novas modalidades até então desconhecidas e muito valorizadas em nível mundial como montarias de sela americana em cavalos, laço, três tambores (única prova feminina). Nessas modalidades existe um risco de vida e de acidentes com contusões e fraturas muito maiores do que com cavalos por lidar com animais muito mais pesados e fortes, pois os touros chegam a pesar mais de uma tonelada e alguns possuem chifres, nesse tipo de montaria não se utiliza sela e sim uma corda americana para segurar e mesmo assim apenas com uma das mãos a outra fica solta mantendo o equilíbrio e, nesse contexto, o animal não pode ser tocado ([Serra, 2006](#)).

### Bem-estar animal e o rodeio

A utilização do sedém em animais de rodeio data do século passado, tendo se iniciado mais precisamente nos Estados Unidos, trata-se de corda feita de crina, utilizada até um passado recente, ou de lã, sugerido atualmente, ao longo dos anos vem se avolumando uma discussão, até então sem qualquer embasamento científico, no que tange a possíveis lesões e dor, decorrentes da utilização de tal ferramenta. Na nossa interpretação clínica, após uma casuística de aproximadamente dez mil observações, sugere que o sedém provocaria “cócegas” na região da virilha dos animais, região que poderia corresponder ao rebordo do gradil costal no homem ([Vasconcelos et al., 2000](#)).

O sedém posiciona-se cranialmente aos testículos sem qualquer contato com esse órgão, quando o animal se apresenta em estação. Por outro lado, há um distanciamento ainda maior

desse utensílio durante os saltos, evidenciando não haver ação mecânica do sedém sobre a bolsa escrotal dos animais, tal fato explica a não constatação de alterações ao exame andrológico, frequentes em animais com lesões testiculares, especialmente provocadas por ação mecânica ou nos submetidos ao estresse ([Serra, 2006](#)).

Quanto a possíveis fatores estressantes, os dados obtidos pelo Departamento de Reprodução Animal – UNESP – Jaboticabal, demonstraram não serem significativos considerando-se os resultados andrológicos. Machos da espécie bovina são sensíveis às condições de estresse, principalmente, em relação às mudanças de alimentação ou quando afetados por alguma condição que provoque dor (afecção de cascos), levando às alterações do quadro espermático e consequentemente afetando sua fertilidade ([Dourado, 2013](#)).

Nesse sentido, estudos de [Selye \(1936\)](#) realizados na Austrália, afirmam que todo fator exógeno que provoca estresse (calor, frio, umidade, fome, sede, infecções, esforços corporais, dor, poluição sonora, elevada densidade populacional, isolamento, medo, ansiedade) desencadeia uma série de reações não específicas de adaptação. Dentre elas, destaca-se a hiperatividade do córtex adrenal com consequente aumento da secreção de seus hormônios, no caso da atuação frequente de um agente estressor, haverá estímulo direto sobre o hipotálamo (liberação de CRH, hormônio liberador de corticotrofina), a hipófise (liberação do hormônio adrenocorticotrófico ou corticotrofina) e o córtex adrenal estimulando a liberação constante dos hormônios glicocorticosteróides. Além da atuação direta desses hormônios (aumentar o catabolismo e reduzir a síntese de tecidos, bem como atrofia do sistema timolinfático), a atividade hipofisária acaba sendo prejudicada e desta forma, secretando menos hormônio somatotrófico (STH), ou de crescimento (GH), além de menos hormônios tireotróficos (TSH) e gonadotróficos (FSH, LH), conduzindo, os dois últimos, a uma reduzida atividade da tireoide e das gônadas ([Dourado, 2013](#)).

Com referência à histopatológica, os resultados encontrados por [Vasconcelos et al. \(2000\)](#) mostraram que todos os fragmentos apresentaram epiderme íntegra e derme com estrutura e glândulas sem alterações, tanto nas amostras sedém como nas amostras controle, foram observados, na derme e junto às glândulas,

pequenos acúmulos multifocais de células mononucleares com presença de alguns eosinófilos, isso pode ser interpretado como sendo lesões inflamatórias discretas, provavelmente decorrentes da ação de carrapatos *Boophilus microplus*. É bastante comum a presença desse carrapato na região inguinal desses animais, causando lesões inflamatórias ([Moraes et al., 1992](#)).

Quanto à disposição para ingestão de alimentos, os animais após serem submetidos ao salto, com posterior liberação para acesso à ração e ainda com sedém, alimentam-se normalmente, clinicamente, esse comportamento sugere ausência de dor, considerando-se o fato evidente dessa espécie recusar o alimento na sua presença ou pelo menos, apresentar diminuição na avidez pela ingestão de sólidos e líquidos, por outro lado, a ação dolorosa nos ruminantes pode levar à diminuição ou à parada da ruminação, assim como dos movimentos ruminais com consequente quadro de timpanismo ([Vasconcelos et al., 2000](#)).

### Os animais de rodeio e montarias em touros e cavalos

O melhor touro para rodeio é o oriundo do cruzamento das raças Nelore e Marchigiana, tendo em vista que o nelore é muito violento, ágil, enquanto o Marchigiana se impõe pelo tamanho e juntando as duas raças dá um animal ágil, bravo e de bom tamanho. Os touros além de pular em torno de 13 vezes em 8 segundos, giram bastante e às vezes invertem o giro dificultando o equilíbrio. Nas montarias em cavalo, os mais pesados pesam em torno de 600 kg no máximo e pulam menos e correm mais, sem contar que nessas montarias se utilizam selas que dão mais equilíbrio aos atletas ([Meyers and Laurent, 2010](#)).

A montaria em touros, exercida de forma lúdica e/ou esportiva, é típico de fazendas de criação de gado do interior do Brasil. Contudo, transcendeu a essa unidade produtiva e, na atualidade, é praticado como festa e esporte nas sedes urbanas de diversos municípios brasileiros ([Dourado, 2013](#)).

As provas de montaria se desenvolveram a partir das técnicas de domaço do cavalo. Montar em bovinos com técnicas e critérios esportivos é prova recente no Brasil e não se incluía nas práticas do binômio cavalo-boi aqui cultivadas ([Casculo, 1976](#), [Dourado, 2013](#)).

Segundo [Alem \(1996\)](#), o rodeio em touros marca a transição da festa de peão de um evento

quase folclórico a um show, essa modalidade ganhou interesse do público, ainda que no início parte desse público fosse ao rodeio só para ver as quedas. Nessa modalidade o competidor só pode usar uma mão para ficar em cima do touro durante o tempo de oito segundos exigidos pelo regulamento. O peão tem que manter-se oito segundos sobre o lombo do animal para poder pontuar; assim como nos estilos em cavalos, sendo a nota de acordo com a dificuldade da montaria, associada à técnica e estilo desempenhado pelo peão, porém, se o touro não promover um desempenho favorável, o peão terá direito a escolha de outro animal ([Meyers and Laurent, 2010](#)).

Nas montarias em cavalos, o peão segura com uma das mãos uma corda com aproximadamente 1,20 m que está ligada ao cabresto e apoiam os pés no estribo, a outra mão, chamada mão de equilíbrio, deve estar posicionada para o alto, não podendo tocar em nada ([Dourado, 2013](#)). No primeiro pulo o competidor posiciona as esporas, sem pontas, entre a paleta e o pescoço do animal. No segundo pulo tem que puxar as esporas, seguindo uma angulação que sai da paleta, passa pela barriga e chega ao final da sela, na parte traseira do cavalo ([Meyers and Laurent, 2010](#)). O tempo da prova é de oito segundos. O atleta deve ter as duas mangas da camisa abotoadas no punho, caso contrário, perde pontos. O equipamento utilizado para essa modalidade é conhecido como corda americana com polacos (sinos) e dotada de uma alça para uma das mãos segurar, essa mesma mão é envolvida pela corda por sua extremidade mais fina, onde o peão faz o ajuste para ter mais firmeza ([Meyers and Laurent, 2010](#)).

Os juízes levam em consideração na avaliação de uma montaria o grau de dificuldade que o animal impõe ao competidor. Quanto maior, melhor a nota, desde que demonstre total domínio sobre ele e suporte o tempo regulamentar de oito segundos, a nota varia de 0 a 100 pontos ([Dourado, 2013](#)).

A modalidade Cutiano é um estilo de montaria em cavalo praticado apenas no Brasil. Iniciou-se oficialmente em Barretos, no ano de 1956, no decorrer do tempo, as regras foram sofrendo alterações, o competidor segura a rédea com apenas uma das mãos, sendo que a outra não pode tocar em nada. Como na montaria em touros, a espora tem que ser “puxada” do pescoço para a alça do arreio na frequência do pulo do animal, quanto mais alto, melhor a nota, o tempo

regulamentar também é de oito segundos e a variação da nota é de 0 a 100 pontos.

### **Os benefícios do rodeio e a festa do peão como cultura e tradição**

O movimento fundamental dos membros do clube “Os Independentes” ao criar a festa do peão barretense foi combinar sua experiência como empresários ligados à produção rural com agentes da produção simbólica, principalmente da publicitária, oferecendo práticas e símbolos da memória social da ruralidade brasileira, que definiam como folclore, mas que guardavam o potencial de marcas das culturas populares. No entanto, tiveram que enfrentar o problema de certas marcas do caipira brasileiro, que foram fixadas por representações ambíguas, ora positivas, ora negativas. Juntas, ambivalentes, essa autenticidade estranha não parecia um apelo simbólico eficaz para vender identidades vencedoras ([Meyers and Laurent, 2010](#)).

Então apropriar-se das representações favoráveis e transformar as desfavoráveis, reelaborando-as em uma nova síntese representativa, certas imagens, como, por exemplo, algumas produzidas por Mazzaropi em algumas cenas do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, se não comportassem reelaborações, estariam descartadas como estão, nos rodeios em geral, as do caipira doente, fraco, estúpido, pouco empreendedor. Enfim, as do perdedor, mas os caipiras de Lobato e de Mazzaropi foram redimidos do estigma de perdedores quando curados pela ciência moderna (vermífugos) e quando eram matreiros para suplantar os inimigos da cidade; então sob certas condições e circunstâncias, também venciam. Por outro lado, quando tomaram o peão de boiadeiro, o sertanejo, não houve problemas, pois era um vencedor nato, por ser muito trabalhador, ter resistência e perícia na lida com a boiada em longas viagens ([Bergamaschi et al., 2006](#)).

O mesmo valia para o peão de rodeios, um vencedor que se mantinha sobre animais brutos, que pulam nas arenas, e conquistam prêmios milionários e fama. Nos Estados Unidos, os componentes básicos da síntese apropriativa foram, então, o caipira matreiro e o heroico peão sertanejo brasileiro, que replicava o heroico cowboy norte-americano, em um poderoso jogo de espelhos ([Turner, 1976](#)). Restava projetá-la na cena cultural brasileira como um novo produto do campo, da ruralidade singular caipira, uma

representação e imagem ao mesmo tempo geradora de produtos e formadora de um “estilo de vida baseado nas suas mais remotas origens”, como apregoava um cartaz publicitário da festa.

A imprecisão sobre as origens toma realce exatamente como qualidade positiva, como digestão antropofágica, como “improvisado criativo” na combinação de tradições vencedoras locais e externas ([Bergamaschi et al., 2006](#)).

Os mediadores e gestores do novo produto se encarregaram de revesti-lo de plausibilidade nos rodeios e o importante nessa construção da nova tradição é a imagem do caipira vencedor, socialmente resgatado de sua indigência face aos tempos modernos. Uma imagem do caipira não mais retirado do campo para a máquina fabril, nem sempre acessível para os trabalhadores vencerem, mas do campo para a máquina simbólica country ([Bergamaschi et al., 2006](#)).

Esse processo de construção da imagem de identidade de vencedores é descrito por um apologista da festa como resultado da articulação de alguns segredos: organização, negócio, locutor, rodeio. No que condiz à arena, esse espaço é múltiplo, propiciador de elementos que se diferem, mas que se complementam ao que se denomina show. A fragmentação da arena se faz pela arquibancada, palco, camarotes e o local de realização dos rodeios (montarias em touro ou provas equinas), as arquibancadas são utilizadas tanto nos grandes shows musicais como no momento do rodeio ([Turner, 1976](#)).

Em torno da arena encontram-se opções de lazer, como o parque de diversões, os estandes com fins comerciais e as tendas de shows, o parque de diversões é direcionado à família, embora predomine o público infante juvenil. De um lado, há brinquedos de grande porte, produtores de vertigem, mas também se encontram atrações dirigidas à obtenção de prêmios, por meio da sorte ou da competência. Os estandes, embora apresentem conhecimento sobre a diversidade de produtos agropecuários, são espaços para vendas e contatos comerciais, em complemento, as tendas oferecem atrações musicais secundárias, favorecendo a sociabilidade, a dança e o consumo de álcool ([Bergamaschi et al., 2006](#)).

Do mesmo modo, o espaço atribuído ao rodeio dialoga com o equipamento mais amplo (feira), gerador de fluxos diversos. É na feira que se dá a transição dos espaços (barracas, parque de

diversão, setor gastronômico), ao mesmo tempo em que atua na facilitação/restricção da troca cultural e ambígua entre os frequentadores das festas de rodeio ([Turner, 1976](#)).

As primeiras competições de montarias em animais aconteceram em 1956 no Estado de São Paulo, nas cidades de Paulo de Faria e Barretos. A Festa do Peão de Barretos representa, atualmente, o evento mais tradicional no setor de rodeios da América Latina, contando com participação anual de mais de duzentos competidores nacionais e internacionais gerando milhares de empregos de forma direta e indireta ([Bergamaschi et al., 2006](#)).

A campanha pela aprovação de uma lei federal que instituisse o caráter esportivo desses eventos teve início em meados dos anos 1990. Nesse período, os rodeios brasileiros já tinham se constituído como megaeventos, marcados pela união de atividades lúdicas e competições em um mesmo ambiente: as arenas das festas de peão, espalhadas por diversas cidades do interior do país. O rodeio foi reconhecido como modalidade esportiva pela lei 10.220 no ano de 2001 que declara as normas gerais relativas à atividade de peão de rodeio, equiparando-o a atleta profissional ([BRASIL., 2001, BRASIL., 2002](#)).

Esse esporte é conhecido pela força muscular, agilidade, equilíbrio e coragem com a qual os competidores enfrentam os animais treinados. Contudo, a grande parte dos estudos relacionados ao rodeio competitivo prioriza os aspectos psicológicos e as lesões ocorridas, não caracterizando o perfil de aptidão física de seus participantes ([Bergamaschi et al., 2006](#)). A grande diferença de força e peso entre os atletas e os animais expõe, muitas vezes, os peões a um intenso estresse físico, que pode ser a causa de grande parte das lesões ocorridas durante as competições ([Dourado, 2013](#)).

Os rodeios se caracterizam como um esporte de atividade intermitente, com curtos períodos de atividades extremamente intensas que devem exigir de seus praticantes a aptidão física adequada. No entanto, apesar de todo o avanço profissional observado nas últimas décadas, com a participação de juízes especializados para avaliação das montarias, animais treinados e prêmios para os vencedores das competições, ainda não há um programa de treinamento estabelecido que desenvolva as habilidades específicas para o rodeio competitivo ([Turner, 1976](#)).

O peão para montar usa o sedém, luva, esporo e colete, alguns usam capacete, as notas para o atleta é de 0 a 50 e o desempenho do touro também é de 0 a 50, são dois juízes, as notas são somadas e totalizam em 0 a 100, se o touro não tiver um bom desempenho e o peão tirar uma nota baixa por causa do animal, o atleta pode se quiser escolher outro animal para montar depois ou ficar com a nota baixa ([Turner, 1976](#)).

Existem ainda dois peões palhaços que são tidos como salva vidas e cujo trabalho é distrair o touro e facilitar o salto do atleta de cima do touro após os oito segundos ou se cair antes, impedindo que o animal o pisoteie ou dê chifradas ou cabeçadas após a queda, são os momentos mais perigosos e que causam mais acidentes, fraturas, contusões e até óbitos ([Bergamaschi et al., 2006](#)). Esses verdadeiros salva-vidas, que também dão um show nas arenas nos intervalos divertindo o público, mas na hora que os atletas estão trabalhando são sérios e muito profissionais, arriscam suas vidas para proteger os peões e são essenciais para a segurança desses atletas de rodeio ([Dourado, 2013](#)). A maioria desses peões palhaços é ex-atleta de rodeio, mas que continuam tendo uma excelente forma física e treinam muito para isto, veja o exemplo de Django, o mais famoso deles, pioneiro e ícone desses salva-vidas e uma lenda das arenas, aprendeu algumas técnicas para distrair o touro quando morou nos Estados Unidos ([Nogueira, 1989](#)).

O rodeio exige muito dos atletas que o praticam, que são assim considerados atletas sérios e respeitados, pois demanda claramente uma grande aptidão física e muita coragem, o que demanda grande preparação física e mental e para quem conhece uma festa de peão e feira agropecuária onde é realizada a maioria dos rodeios, sabe que fica muito difícil manter a concentração diante de tanto barulho de som altíssimo, fogos de artifício e as brincadeiras dos locutores ([Dourado, 2013](#)).

### Condicionamento físico

Os animais são tratados como atletas, com dieta balanceada, treinamento para fortalecimento dos músculos e acompanhamento de um Médico Veterinário constante, pois a alimentação excessiva (rações com altos níveis de energia e proteína) resulta em touros pesados e gordos; sendo assim, inadequados para a prática do esporte ([Pimentel, 2006](#)). Para o proprietário (tropeiro) é importante que esse animal esteja bem de saúde,

caso contrário ele não participa das competições, ou seja, o Médico Veterinário responsável está sempre cuidando dos animais para evitar possíveis doenças e lesões, além disso, os animais competidores são aposentados por hábito de seus proprietários. A alimentação é reforçada com suplementos minerais e silagem de milho, normalmente uma vez por dia – combinação que dá mais energia e cria músculos no animal. Esses animais recebem em média de 20 a 30 quilos dessa alimentação diária, praticamente o dobro da quantidade que recebe um bovino para outros fins ([Serra, 2006](#)).

O treinamento para os animais de rodeio se estende a natação e corridas leves pelo pasto, a preparação desses animais vem a partir da alimentação diferenciada e também do treinamento utilizando técnicas cada vez mais aprimoradas para um maior desempenho. Uma das técnicas utilizadas é o Redondel (curral circular), podendo ter o diâmetro de 7 a 14 metros, que visa um melhor condicionamento físico do animal, além de um treinamento frequente aonde esse animal consegue adquirir uma maior aptidão para entrar bem preparado na arena ([Pimentel, 2006](#)).

Devido a responsabilidade social ser caracterizada como atitudes que as empresas/eventos, de forma voluntária, adotam para promoção do bem-estar dos seus públicos, tanto interno quanto externo, o maior rodeio da América Latina, Festa do Peão de Boiadeiros ocorrida em Barretos/SP, tem como responsabilidade social a arrecadação financeira para auxílio nas despesas do Hospital do Câncer de Barretos ([Serra et al., 2003](#)).

Conforme informações do próprio site oficial do Hospital (2016), durante a tradicional festa realizada pelo grande parceiro do Hospital (Os Independentes), houve a arrecadação de mais de 3 milhões de reais no final do rodeio com o “Desafio do Bem”. Esse desafio consistia entre um peão aposentado das arenas de rodeio e um animal bastante respeitado e temido pelos competidores por uma nobre causa.

Na verdade, são gerados por evento de forma temporária a quantidade de 10.000 empregos de forma direta e indireta, há também, os empregos não temporários, que são gerados por necessitar de cuidados dos Médicos Veterinários e os próprios peões que a partir de 2001 são considerados esportistas profissionais.

Os Independentes de Barretos contam com 5 (cinco) Médicos Veterinários que atuam no Parque do Peão durante o evento. Além disso, esses profissionais são acompanhados por dezenas de estagiários provenientes de cursos de Medicina Veterinária de todo país. O evento também é inspecionado pela Secretaria da Agricultura e Controle de Zoonose. Durante as provas, os fiscais de brete atuam para garantir a regularidade no uso de equipamentos do competidor e dos animais.

Uma observação importante é que o rodeio também educa. A prova disso é que, a partir da 45ª festa de Barretos, em agosto de 2000, as crianças e os adolescentes que participaram das provas tinham que estar matriculadas na escola. ([Serra, 2000](#)).

### Legislação no rodeio

Com a evolução desta atividade foi necessário à criação de legislação regulamentando o setor. Assim, foram criadas então duas leis, uma para regularizar a profissão de atletas de rodeio e outra regulando a forma como devem ser organizados tais eventos esportivos e culturais. A Lei Federal nº 10.220 de 11 de abril de 2001. Institui normas gerais relativas à atividade de peão de rodeio, equiparando - o a atleta profissional, esta lei foi criada para dar aos peões a condição de atletas profissionais e assim garantir direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho, instituindo de forma jurídica o Rodeio como esporte no Brasil ([BRASIL., 2001, BRASIL., 2002](#)). Já a Lei Federal nº 10.519 de 2002, dispõe sobre a promoção e a fiscalização da defesa sanitária animal quando da realização de rodeio e dá outras providências, ou seja, estipula normas de como se organizar um evento de rodeio, esta lei foi criada para garantir a realização dos rodeios de forma segura, instituindo regras claras quanto à fiscalização e defesa dos animais ([BRASIL., 2001, BRASIL., 2002](#)).

Na época da criação dessas leis, o rodeio passava por um período de tribulações com vários ataques de ambientalistas e ONGS de defesa dos animais que chegaram a barrar rodeios em algumas cidades, devido ao grande crescimento ocorrido nos anos da década de 90. Como não havia nenhuma lei regulamentando os rodeios isto gerava uma grande vulnerabilidade jurídica e essas ONGS e ambientalistas se aproveitavam disso e de uma lei que os ajudava, sendo a Lei número 9603, de 12 de fevereiro de 1998, que tornou “crime ambiental” a prática de atos de

abuso, maus-tratos, ferimentos ou mutilações praticadas contra os animais.

A lei federal 10.220 foi finalmente criada em 11 de abril de 2001 e conseguiu de fato dar um pouco mais de respaldo ao trabalho dos atletas de rodeio e a realização desse tipo de evento e posteriormente em 2002 veio a ser melhorado com a criação de outra lei federal a 10.519 de 17 de julho de 2002 que instituiu regras para promoção e fiscalização da defesa sanitária animal quando da realização de eventos de rodeio, certamente pelo clima de processos judiciais em que os ambientalistas vinham fazendo sistematicamente, se essas leis não tivessem sido promulgadas, hoje talvez nem teríamos mais rodeios e a atividade no mínimo estaria totalmente desarticulada ([BRASIL., 2001, BRASIL., 2002](#)). De acordo com art. 4.º da Lei N.º 135, de 26 de agosto de 2001 – Caberá à entidade promotora do rodeio, a suas expensas, prover: ([BRASIL., 2001, BRASIL., 2002](#)).

I – A fiscalização relativa ao transporte dos animais quando da chegada dos mesmos até o local do evento, que deverá ser realizado em caminhões próprios para essa finalidade, que lhes ofereçam conforto, não se permitindo superlotação;

II – A fiscalização no sentido de que a chegada dos animais seja realizada com antecedência mínima de 6h até o Município, devendo esses ser colocados em áreas de descanso convenientemente preparadas;

III – Os embarcadouros de recebimento dos animais deverão ser construídos com largura e altura adequadas, evitando-se colisões e hematomas;

IV – A infraestrutura completa para atendimento médico, com ambulância de plantão e equipe de primeiros socorros, com presença obrigatória de médico clínico-geral;

V – Médico veterinário habilitado, responsável pela garantia da boa condição física e sanitária dos animais e pelo cumprimento das normas disciplinadoras, impedindo maus tratos e injúrias de qualquer ordem;

VI – A arena das competições e bretes cercados com material resistente, altura mínima de dois metros e com piso de areia ou outro material acolchoador, próprio para o amortecimento do impacto de eventual queda do peão de boiadeiro, do competidor ou do animal;

VII – A alimentação e água potável para os animais, seguindo a orientação do médico veterinário habilitado, durante toda a permanência dos mesmos no local, inclusive após o evento;

VIII – A remoção de todos os animais após a realização das provas, sendo vedada a permanência nos currais que antecedem os bretes das provas;

IX – O manejo e condução dos animais somente serão permitidos com a utilização do condutor elétrico pelo médico veterinário ou tratador por ele supervisionado, sendo vedado o uso de ferrões, paus ou borrachas para essas finalidades;

X – Iluminação adequada em todos os locais utilizados pelos animais, conforme orientação do médico veterinário;

XI – Nas provas com a utilização de touros deverá haver a atuação de no mínimo um laçador de pista e nas montarias em cavalos, nos diversos estilos, a participação de no mínimo dois madrinheiros, para maior segurança do atleta participante.

### Rodeios clandestinos

Devido a extensa área territorial do país e a quantidade de fiscais serem insuficientes para uma fiscalização mais rígida, ainda existem muitos rodeios realizados de forma clandestina, aumentando as chances de maus tratos nos animais que realizam a competição.

### Considerações finais

Neste estudo descrevemos a produção do rodeio, em sua sinergia entre esporte, festa e feira, com regras universais. Os peões puderam treinar como atletas, eles alcançaram profissionalização e especialização, o que contribui para produzirem recordes, o que é coerente com o esporte moderno, mas, sobretudo, com a lógica do espetáculo. Afinal, conforme os dados nos permitiram inferir, o rodeio é uma prática social mais vinculada ao espetáculo, por isso, na produção do rodeio, a dimensão da competição entre quem é o melhor atleta é menos importante para o público do que a fruição da emoção do enfrentamento homem/animal.

Logo, a estrutura do rodeio como esporte é mais coerente para regular a postura do peão e da competição, bem como eliminar as ambiguidades no julgamento, de fato, tanto na intencionalidade dos produtores como ao olhar do público o esporte

é apenas um meio de racionalização da prática, visando à gestão dos riscos sem perda da emoção que o espetáculo promove.

Essa multiplicidade torna o rodeio uma experiência singular, na qual o esporte, entretenimento e festa interagem dinamicamente, bem como podem ser vistos elementos arcaicos da ruralidade ser difundidos por meio de um processo racional e moderno de espetáculo; enfim, o rodeio é uma prática tão antiga (como folguedo) quanto recente (enquanto, de fato, um esporte espetacular) e sua compreensão hodierna passa pela contextualização de um conjunto de elementos que se iniciam pelo caos da sociabilidade festiva extramuros até a produção de recordes esportivos dentro de uma arena.

Com essa pesquisa podemos desmistificar vários mitos que denegriam o rodeio como, por exemplo: o sedém machuca e os testículos do animal são amarrados, e constatamos que os animais de rodeios em sua grande maioria são bem tratados trabalhando por noite apenas oito segundos e recebendo alimentação balanceada.

### Referências Bibliográficas

- Alem, J. M. 1996. Caipira e country: a nova ruralidade brasileira. *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Sociais*. Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo.
- Bergamaschi, J. P., Matsudo, S. M. & Matsudo, V. K. R. 2006. Relação da força de membros inferiores e nível de atividade física com prevalência de lesão e o desempenho competitivo de participantes de rodeio competitivo. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 14, 53-58.
- Bertuzzi, R. C. M., Franchini, E. & Kiss, M. A. P. D. 2005. Análise da força e da resistência de preensão manual e as suas relações com variáveis antropométricas em escaladores esportivos. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 87-93.
- BRASIL. Lei federal nº 10.220 de 11 de abril de 2001. Institui normas gerais relativas à atividade de peão de rodeio, equiparando-o a atleta profissional. Diário Oficial da União - Seção 1 -Eletrônico -12/4/2001, Pág.3 (Publicação Original).
- BRASIL. Lei Federal nº 10519 de 17 de julho 2002. Dispõe sobre a promoção e a fiscalização da defesa sanitário animal quando da

- realização de rodeio e dá outras providências. Diário Oficial da União -Seção 1 -18/7/2002, Pág.1 (Publicação Original).
- Cascudo, L. C. 1976. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Natal.
- Dourado, S. P. C. 2003. Esporte e Paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil. *Movimento*, 9, 74-86.
- Dourado, S. P. C. 2013. O Rural como fronteira do urbano: rodeios e vaquejadas nas interpretações do Brasil. *Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste*, 1.
- Johnson, B. L. & Nelson, J. K. 1986. Practical measurements for evaluation in physical education. 475 p.
- Meyers, M. C. & Laurent, C. M. 2010. The rodeo athlete. *Sports Medicine*, 40, 817-839.
- Moraes, F. R., Moraes, J. R. E., Costa, A. J., Rocha, U. F. & Ardisson, F. A. 1992. Estudo comparativo de lesões causadas pelos diferentes instares de *Boophilus microplus* (Canestrini) na pele de taurinos e zebuínos em infestações naturais. Correlação entre a resistência do hospedeiro e o número de mastócitos dérmicos. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, 29, 378-383.
- Nogueira, N. 1989. *Festa do peão de boiadeiro: onde o Brasil se encontra*. Icone Editora, São Paulo.
- Pimentel, G. G. S. 2006. Localismo e globalismo na esportivização do rodeio. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28, 91-104.
- Selye, H. 1936. A syndrome produced by diverse noxious agents. *Nature*, 138, 659-661.
- Serra, R. 2000. *Rodeio--uma paixão!* Gryphus.
- Serra, R. A. A., Tubino, M. J. G. & Silva, N. J. 2003. O rodeio como uma manifestação esportiva de identidade cultural do interior de São Paulo. *Fitness & Performance Journal*, 2, 341-346.
- Serra, R. A. R. 2006. Atlas do esporte no Brasil. *Rio de Janeiro: Shape*, 793-795.
- Turner, J. D. 1976. Rodeo training device. Google Patents.
- Vasconcelos, O. T., Alessi, A. C., Esper, C. R. & Franceschin, P. H. 2000. Avaliação técnico-científica da utilização do sedém em bovinos de rodeio. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia*, 3, 72-77.

**Article History:**

Received 8 December 2016

Accepted 16 January 2017

Available on line 24 January 2017

**License information:** This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.